

RESSONÂNCIA DA ODE TRIUNFAL, DE ÁLVARO DE CAMPOS, NO POEMA TÁXI, DE ADRIANO ESPÍNOLA

Carlos d'Alge - UFCE

A Ode Triunfal celebra o entusiasmo de Álvaro de Campos pela velocidade e pelo progresso. Velocidade dos transportes, das comunicações modernas e do progresso, fruto do desenvolvimento imperialista e da industrialização crescente. É de Kipling, poeta do colonialismo inglês, a afirmação de que **civilização = transporte**. A velocidade encurtou as distâncias e aproximou os povos, desenvolveu o comércio e a indústria, aumentou a força do operariado e a guerra acabou por enriquecer novas nações. O mundo realmente começou a ficar pequeno, possibilitando a criação de uma consciência cosmopolita. São esses resultados que Fernando Pessoa questiona no texto sobre a relação entre a arte moderna e a vida moderna, incluindo nas **Páginas íntimas**. O modelo poético teria de resultar numa apoteose da civilização moderna.

Escrevera Marinetti, no manifesto **A Nova Religião Moral da Velocidade**: “Ao contrário da moral cristã, que proibiu ao corpo do homem os excessos de sensualidade, a moral futurista, opondo-se à lentidão, à recordação, ao repouso, pretende desenvolver a energia humana, a qual, centuplicada pela velocidade, há-de vir dominar o tempo e o espaço” 1. Nesse mesmo manifesto, o criador do futurismo europeu dá largas à sua fantasia e à sua imaginação. Exalta as rodas e os vagões ferroviários; cria, metaforicamente, um universo maravilhoso e lírico conquistado pela velocidade. Do outro lado do Atlântico, Walt Whitman publica entusiásticos poemas que celebram a energia explosiva que se pode encontrar nas máquinas e na velocidade. É a nova religião que transforma Álvaro de Campos no poeta sensacionalista, cantor entusiasta da civilização industrial.

Inspirado em Whitman, a quem dedica uma **Saudação**, Álvaro de Campos adota, observa Jacinto do Prado Coelho, “um estilo esfuziante, torrencial, espraiado em longos versos de duas ou três linhas, anafórico, exclamativo, interjetivo, monótono pela simplicidade dos processos, pela reiteração de apóstrofes e enumerações de páginas e páginas, mas vivificado pela fantasia verbal perdulária, inexaurível” 2. Apoiado num estilo vertiginoso, canta “**a hipertrofia de uma personalidade viril**” e “**os impulsos que emergem da lava sombria do inconsciente, o mesoquismo, a volúpia sensual de ser objeto**”, entregue à substituição febril das máquinas e da civilização.

A associação de maquinismos e objetos que conduzem à velocidade emerge ao longo do poema: **lâmpadas elétricas / rodas / engrenagens / motores / correias de transmissão / êmbolos / rodas dentadas /**. Em funcionamento estes maquinismos vão acionar os **Tramsways / navios / combois/ funiculares / transatlânticos / metropolitanos / ônibus**, que se deslocam e conduzem o progresso. A associação de categorias sociais e de locais de aglomeração de massas, seja para a diversão e/ou esporte, assegura a projeção de um universo febril, onde cinemas, teatros, corridas de cavalos, avenidas feéricas, centros comerciais, entretêm multidões que se agitam em espasmos no gozo da velocidade: **Longchamps / Ascots / Derbies / Piccadillies / Avenue de l'Opera / Luna-Parks /**. Nas multidões encontram-se **comerciantes / vadios / escroques / chefes de família / burguesinhas / pederastas**. Nas lojas e vitrinas, **manequins / fazendas / figurinos**. Campos, na pegada de Marinetti, também exaltará a guerra e os símbolos de combate, velocidade e destruição: **couças / canhões / metralhadoras / submarinos / aeroplanos / couraçados**.

Observemos, na seqüência de estudos já publicados por Prado Coelho, Eduardo Lourenço e José Augusto Seabra³, que o verdadeiro e legítimo significado destes versos não está na beleza dos maquinismos enquanto tais, mas nas sensações que esses mesmos maquinismos provocam. Pessoa/Campos é realmente o cantor da máquina e da velocidade, realidades concretas que não podemos ignorar. Mas, como escreveu Eduardo Lourenço, “seria mais próprio chamá-lo de **des-cantor**, se a palavra existisse, é claro. O caráter intensamente **negativo** em relação a toda e qualquer aproximação autêntica do Moderno, significado pelo triunfo técnico é anunciado sem ambages no começo mesmo da pseudo — **Ode Triunfal**:

**“A dolorosa luz das lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo”. 4**

O que pretende Campos? Tornemos a Eduardo Lourenço: “Na mola imersa de cantor da vida livre, da democracia, do trabalho Pessoa **fixa-se** (é o exato termo psicanalítico) num **único** ponto. Prodigiosamente fantasmizado, e à sua volta faz girar, em sentido figurado e próprio as máquinas poéticas capitais que são a **Ode Triunfal**, a **Ode Marítima** e a **Saudação**. Esse ponto, escusado será dizê-lo, é o da passividade erótica, cujas figuras sem cessar renovadas inundam esses poemas até à insuportável obsessão”. 5

A sexualidade, na **Ode Triunfal**, é vista de uma maneira passiva. Campos deseja “**morrer triturado por um motor/ Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída**”; vê o seu mestre Whitman “**sexualizado pelas pedras, pelas árvores, pelas pessoas, pelas profissões**”. A glorificação da maravilhosa vida moderna e da velocidade terá que ser apreendida dessa maneira, numa total e plena fruição, afinal de contas, diz Campos, na **Ode Marítima**: “**A minha imaginação higiênica, forte, prática / Preocupa-se agora apenas com as coisas modernas e úteis**”. E as coisas modernas e úteis só a civilização industrial e cosmopolita,

e a atividade comercial de exportação e importação, podem proporcionar ao homem.

Nas duas Odes há uma espécie de contraponto: à glorificação da sociedade moderna e da ruptura com todas as cadeias que prendem o poeta à tradição, opõe-se a memória evocativa das lembranças do passado e a realidade do presente, entrevista, na **Ode Triunfal**, nas minorias marginalizadas das grandes cidades (“**Ah, a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma**”); e na **Ode Marítima**, na celebração de todo um passado de gesta nacional que recupera o arquétipo na metáfora do Grande Cais.

Esse mesmo contraponto (passado e presente) e a mesma ruptura com a tradição podem ser encontrados no longo poema do escritor cearense Adriano Espínola, **Táxi ou Poema de Amor Passageiro** 6. A primeira impressão de leitura é a de que o autor conseguiu resolver a questão do espaço-tempo, realizando uma viagem metafísica pelo universo das suas lembranças e das suas angústias.

O que se faz dentro de um táxi? Segue-se para um certo destino ou adentra-se no sonho e/ou utopia. Assim, um carro de passageiros pode se transformar num veículo de prazer, aventura, alucinação e mergulho no tempo. O táxi possibilita múltiplas viagens e nele se cumprem rituais e feitiços. O poeta viaja no presente em busca da libertação dos interditos do corpo. Paralelamente, viaja no tempo da infância, no tempo da adolescência, e no tempo do adulto, cujos referentes o leitor vai descobrindo através da fixação de cidades, logradouros, pessoas ou meras lembranças visuais e sonoras.

Descobre-se, no poema, a rigorosa formação literária de Adriano Espínola: são alusões a escritores clássicos e/ou modernos, ou evocações peculiares à realidade cultural brasileira. Não poderia, entretanto, isolá-lo do contexto pessoano, pois **Táxi**, se não é uma consciente homenagem ao alter ego de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, constitui um precioso resgate da memória sensacionista-futurista dos anos de 1915 a 1917.

Observemos que, nesse período, acontecem em Portugal diferentes manifestações estéticas oriundas do futurismo literário italiano, definidas por Pessoa como sensacionismo, designadas também como simultaneísmo, instantaneísmo e orfismo. O que importa, para a compreensão do poema **Táxi**, é o resgate do Álvaro de Campos, da **Ode Triunfal e da Ode Marítima**, as duas mais completas afirmações da multiplicidade pessoana em absorver estéticas contemporâneas.

Caberia destacar alguns símbolos do futurismo marinnettiano que fizeram moda literária em Portugal, à época de **Orpheu e Portugal Futurista**. Busquemos em Luciano de Maria, o mais completo analista e crítico de Marinetti, uma explicação para o sensacionismo futurista de Pessoa-Álvaro de Campos, e a sua ressurgência em Adriano Espínola, setenta anos depois da experiência futurista portuguesa.

Escreve Luciano de Maria em **Marinetti Poeta e Ideólogo**, na introdução à obra teórica e revolucionária do pai do futurismo italiano, o seguinte:

“I futuristi amavano o dicevano di amare, le réclames lumineuse, il traffico cittadino, i tram, lo automobili; preferivano o dicevano preferire, “un danzatore americano di cake-walk all’audizione della Walkiria”.

e mais adiante:

“i futuristi, lo abbiamo visto, volevano a loro modo, cambiare la vita, condurla verso quell anarchia dei perfezionamenti che costituisce la meta ultima in cui si condensa l’essenza piú pura e preziosa dell’utopia sociale futurista”. 7

Aí estão, em síntese, alguns dos principais referentes marinetianos e, **pour cause**, da estética sensacionista de Fernando Pessoa/Álvaro de Campos. A velocidade, o progresso centrado na máquina: automóvel, trem, navio transoceânico, aeroplano, dirigível; a agitação das grandes metrópoles, o trabalho febril das populações operárias, os anúncios luminosos, as praças e os boulevards, enfim **la foule** e a sua utopia libertadora.

Nesse sentido, Adriano Espínola é um (re)criador do sensacionismo pessoano - versão portuguesa do futurismo de Marinetti. Bastariam algumas comparações formais para explicar como se processou o ato criador. Vejamos alguns exemplos retirados dos textos de Álvaro de Campos e do autor de **Táxi**.

Da **Ode Triunfal**, de Álvaro de Campos, publicada no primeiro número da revista **Orpheu**:

**“Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passageiro,
A todos os perfumes de óleos, e calores e carvões
Desta flora estupefata, negra, artificial e insaciável!”** 8

Do poema **Táxi**, de Adriano Espínola, publicado em 1986:

**“Ah, excitação sexual e comunitária de meu desejo viajante!
Quero a todos e todos os lugares!
Solidariedade orgástica e metafísica derramando-se sobre o asfalto
a 90 Km por hora!
Todos, meus passageiros no táxi!
Eiá, proximidade física e espiritual dessa gente,
cantando pneus pelas esquinas
da ansiedade!
Interessa é chegar lá!**

**Celebração transcendente do motor funcionando,
roncando furioso
- Buda de ferro e de aço - por entre sinais e rostos arrebatados!" 9**

Mas é na fascinação pelas multidões e pelo lúmpen que Álvaro de Campos e Adriano Espínola se harmonizam. No caso do poeta cearense, atualiza-se e fala pessoana.

Da mesma **Ode Triunfal**, de Álvaro de Campos:
**"Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes
das ruas,
(...)
Ah, a gente ordinária e suja, me parece sempre a mesma,
Que emprega palavrões com o palavras usuais,
Cujos filhos roubam às portas das mercearias
E cujas filhas aos oito anos - e eu acho isto belo e amo-o!
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de esca-
da!" 10**

Do poema **Táxi**, de Adriano Espínola:

**"Eiá, motorista, passemos agora em frente ao edifício
Jalcy,
onde putas universais, bichas, bêbados e drogados
sonham pelas calçadas e nas quitinetes acima
com algum grande orgasmo noturno!
(...)
Todas as caftinas, todos os solitários,
sifilíticos e gonorréicos que transitam por aqui;
(...)
meninas (....) tocadoras de punheta aos 12 anos e
a 5 mil cruzeiros;
pivetes cheiradores de cola,
pequenos traficantes de fumo,
mirins especialistas em furtos de carros e capangas;
(...)
ah, toda essa humanidade à beira do mar e da vida!
toda essa humanidade que sangra diariamente com o sal
na boca,
toda essa humanidade é bela e santa". 11**

Estes poucos exemplos permitem compreender o processo de (re)criação de Adriano Espínola. A linguagem do poeta cearense é, evidentemente, mais áspera e contundente do que a palavra de Pessoa. Não é apenas o problema do tempo, há a questão do estilo. Sabe-se, desde Buffon, que o estilo é o homem, e a cada época correspondem um estilo e uma linguagem próprias.

Todavia, Adriano Espínola consegue não somente absorver a estética sensacionista de Pessoa, mas realiza um poema dentro dos postulados futuristas marinettianos, isto é, do choque, do espasmo e da velocidade. Como observou Júlia Kristeva, o escritor acaba atravessando as barreiras do simbolismo em poesia, atuando em distin-

tos significantes. No caso da **Ode Triunfal e de Táxi**, os significantes estariam representados por uma base tríplice: motor / ruído / velocidade.

Tanto a ode pessoana, como o poema **Táxi**, estariam sintetizados pelo espasmo que percorre as emoções e visualizações do texto poético. O défictico intencional aparece repetidamente assinalando que o(s) autor(es) são personagens da aventura existencial. O leitor seria contagiado e, simultaneamente, ameaçado pela máquina, o automóvel sem freio e sem limites. O “inconsciente coletivo de pavor”, como bem notaram Ángeles Cardona e Jorge Maria Gibert. 12

Observa-se, também, nos dois poemas, a repetição de fonemas, grafemas, interjeições, signos de um sistema novo que acaba por colocar a figura do(s) poeta(s) dentro da composição. O uso deliberado das aliterações também cumpre a sua função semiótica.

O que importa ainda assinalar é que, além da evolução de Álvaro de Campos, a leitura de **Táxi** recoloca uma questão fundamental para a aventura humana: a vontade de partir. Pois, como escreve Nietzsche, citado por Adriano Espínola, a emoção percorre vários caminhos, das mulheres amadas, das cidades definitivas, e da imensa alegria de viver, uma atividade erótica que contrasta com a passividade de Álvaro de Campos.

O poeta transforma o seu poema num grito à liberdade, torna-se um novo Prometeu, mas não basta isso, é preciso que a força do verso liberte o homem do símbolo da cruz e o descrucifique. Senhor de si e da vida, o homem poderá triunfar sobre a morte. Tentemos uma resposta para esta inquietante questão: a mortalidade do homem. Sirvamo-nos do mito dionísíaco. Dionísio é o deus do prazer, da juventude e da mobilidade permanente. Mas também é um deus bifronte, isto é, congemina o mistério da vida e o da morte. Visto dessa maneira, Dionísio tanto perturbaria como restauraria a paz.

Atentemos para o significado primordial dos deuses que governavam o universo. Os deuses eram belos, poderosos e imortais. Dionísio representaria uma transgressão a esse mito arquetipal, pois tanto asseguraria a beleza, a juventude e a imortalidade, como a precária condição humana, desgraçadamente condenada ao declínio e à mortalidade.

Como poderemos nós — humanos — reter a face mais gloriosa de Dionísio? Só nos resta uma alternativa e essa reside na expressão definitiva e única do talento criativo do homem: a arte, da qual o poema é a palavra libertadora que instaura a paz e a harmonia do nosso tangível mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 CF. GUILHERMO de Torre. **História das Literaturas de Vanguarda**. Tradução de Maria do Carmo Corey, 2ª ed., 6 cols. Editorial Presença / Liv. Martins Fontes, Lisboa, 1972, p. 165.
- 2 **DIVERSIDADE e Unidade em Fernando Pessoa**. Verbo-Edusp. 5ª ed., rev., 1ª ed. Bras., p. 71.
- 3 **DIVERSIDADE e Unidade em Fernando Pessoa**, de Jacinto do Prado Coelho; **Fernando Pessoa Revisitado**, de Eduardo Lourenço, e **Fernando Pessoa o Poetadrama**, de José Augusto Seabra.
- 4 **FERNANDO Pessoa Revisitado**, Lisboa, Moraes Editores, 1981, p. 87.
- 5 CF. **FERNANDO Pessoa Revisitado**, p. 87.
- 6 **TÁXI ou Poema de Amor Passageiro**, Global Editora e Distribuidora, São Paulo, 1986.
- 7 CF. **OBRA teórica de Marinetti**, editada por Arnaldo Mondadori, Milão, 1983.
- 8 CF. **ORPHEU**, nº 1, jan, fev., março, 1915, p. 100.
- 9 CF. **TÁXI**, ed. cit.
- 10 CF. **TEXTO** cit., p. 105.
- 11 CF. **TÁXI**, ed. cit.
- 12 Cf. ESTUDIO semiótico de las primeras vanguardias portuguesas, através de un fragmento de Fernando Pessoa: "Ode Triunfal". **Anthropos**, revista de documentación científica de la cultura. Barcelona, nas 74-75, 1987, pp. 89 e 93.